



Em criação/formação

Os estágios de criação da Licenciatura em Dança da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb) e a formação do futuro artistadocente

Neila Baldi¹

neilabaldi@gmail.com

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB

Resumo: O presente texto pretende discutir a formação do artistadocente no curso de Licenciatura em Dança da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb). O projeto político pedagógico do curso prevê que, ao longo da formação, o aluno realize dois estágios em criação e, além disso, dois estágios supervisionados que têm como resultado um produto estético. O presente relato discute como esses estágios se articulam, a partir do acompanhamento da produção de uma turma do curso, ingressa em 2012. A experiência analisada ocorreu entre setembro de 2013 e setembro de 2014. O texto propõe que este tipo de formação auxilia que os alunos se tornem artistadocentes.

Palavras-chave: Artistadocente; formação; criação em dança.

Introdução

O curso de Licenciatura em Dança da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb) iniciou suas atividades em 2010 e passou por reformulação curricular dois anos depois. O atual projeto político pedagógico do curso está calcado no tripé: artista-docente-pesquisador. O presente texto pretende analisar como se dá a formação do artistadocente (sem hífen, em um neologismo que não vê dicotomia e, sim, simbiose) ao longo do curso, a partir da análise da experiência realizada em dois estágios: de Criação II e Supervisionado II – Composição Coreográfica.

Nos dois primeiros anos do curso, os alunos participam de montagens coreográficas, a cargo de um professor, sendo duas delas intituladas Estágios de Criação. Nestas, são os momentos de os alunos se experimentarem como criadores (e não apenas intérpretes), além disso, entre os quatro estágios supervisionados – a partir da segunda metade do curso – os alunos têm dois que preveem um resultado estético ao final do semestre. O texto pretende discutir, a partir do relato de

¹ Artista da dança. Professora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb) nos cursos de Dança e Teatro. Mestranda em Artes Cênicas pelo PPGAC/UFBA. Especialista em Dança em Consciência Corporal pela UniFMU (2007) e em Gestão Cultural pelo Senac (2013). Possui graduação em Dança pela Universidade Anhembi Morumbi (2009) e graduação em Comunicação Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1999). Dramaturga e bailarina da Cia de Dança Vidart e integrante do do A-FETO Grupo de Dança-Teatro da UFBA.



experiência, como se articulam os conhecimentos entre os dois estágios (de criação e supervisionado). Ambas as disciplinas foram ministradas por mim, entre setembro de 2013 e setembro de 2014 – esta, em curso.

De como eu crio e me formo

Muitos dos alunos do curso não têm formação em dança anterior à universidade e, nesta perspectiva, as experiências de montagem coreográfica são formativas não apenas tecnicamente, mas também esteticamente.

O Estágio em Criação II – Vanguardas pós-modernas e contemporâneas visa à produção de um espetáculo de dança que tenha uma estética baseada nestas vanguardas. A disciplina é ministrada no quarto semestre do curso. Durante o semestre letivo 2013.2, as alunas vivenciaram práticas que se apoiavam em três eixos de pesquisa: corpo pelo corpo, dança-teatro e educação somática. Era a primeira vez que vivenciavam um processo totalmente colaborativo e sem uma técnica de dança codificada a apoiá-las. Todas as células coreográficas foram criadas a partir de exercícios propostos seguindo um dos três eixos. A proposta era muito mais que a *criação, a invenção*:

[...] a criação pode muito facilmente pressupor um produto que já está dado como fim desde a partida do processo. A invenção, diferente desta noção de criação capturada pela lógica do produto, não prevê uma finalidade anterior à produção, o que a levará a descobrir, por seus próprios méritos, procedimentos, rigores e critérios, todos eles imanentes ao processo, ao seu fim (final e finalidade). (ROCHA, 2012, p. 45)

Durante todo o processo, além da produção cênica, elas eram convidadas a pensar sobre o fazer docente: o que as propostas traziam, com que público poderiam ser usadas, apenas em processos de criação ou como conteúdos de dança? É importante lembrar que “a dimensão pedagógica é inerente à arte e, com efeito, não existe processo criativo que não contenha em si uma dimensão pedagógica” (ICLE, 2012, p. 12). Ao fim da criação das células, juntas decidiram como seria a composição do espetáculo que se intitulou: *Corpografias*.

Ao propor que todas as etapas fossem decididas juntas e que o *tema poético* da obra nascesse da experiência vivida, queria prepará-las para o próximo desafio:



Estágio Supervisionado I – Composição Coreográfica, em que teriam de, sozinhas, com os intérpretes que quisessem, produzir uma cena de 10 a 20 minutos.

Durante aquele semestre, as alunas tiveram de escrever um inventário pessoal – quem sou eu, como cheguei à dança, etc. – e reflexões sobre o processo. A ideia é que conseguissem entender que suas escolhas eram fruto de suas vivências, que seus gostos estéticos estavam relacionados às suas formações:

O sentido deste movimento – a escrita da narrativa – está na possibilidade de pensarmos nas marcas produzidas – o que fizemos conosco, para então pensarmos no que podemos fazer conosco a partir de agora. (OLIVEIRA, V., 2011, p. 132)

Por outro lado, é claro que, também minhas proposições as ajudariam a se autoformar. Não foi, no entanto, um processo fácil, pois estavam acostumadas a um conceito de corpo e de dança que vai ao encontro do que António Pinto Ribeiro (1994) chama de corpo hi-fi, ao invés de um corpolivro. O processo pelo qual elas passaram trata-se, portanto, de formação *com* dança contemporânea, que promove um processo de *singularização dançante*, em que se inaugura “[...] uma mutação subjetiva que dificultará ao corpo continuar gostando de repetir sotaques de dança já dados por uma técnica em particular” (ROCHA, 2012, p. 39).

O que eu faço com tudo isso?

No semestre seguinte, acompanhei a turma com Técnicas do Corpo II. Era o semestre em que estavam realizando o Estágio Supervisionado I – Composição Coreográfica, sob responsabilidade de outra professora, em que propuseram uma pesquisa cênica, a ser realizada com os intérpretes que quiseram. Apesar de considerar que este tipo de estágio ocorre em um momento em que elas não estão maduras artisticamente – penso que poderia ser ao final do curso – houve muitas pesquisas interessantes, em que mostravam como o curso as estava formando, mas houve também quem se fixasse a uma técnica codificada e representasse-a esteticamente.

Neste semestre 2014.2, a turma está novamente comigo, agora com Estágio Supervisionado II – Composição Coreográfica. Trata-se do momento em que o produto estético anterior tem de ser refeito, em uma oficina desenvolvida em uma



escola pública. Como é repensar o projeto para outro público? Este seria o cerne deste estágio. Mas, na minha concepção, mais que isso: como é ensinar dança, pensar em conteúdos de dança e, além disso, propor um produto estético ao final, de modo que a oficina não vire tão somente um curso para uma montagem coreográfica. Neste sentido, minha proposição foi rever e ampliar a pesquisa do semestre anterior – que irá resultar na cena – e articulá-la a um Projeto de Ensino Aprendizagem: o que eu quero pesquisar cenicamente e que conteúdos de dança se vinculam com esta proposta? Acredito que, com esta proposição, elas consigam sistematizar, na práxis pedagógica, a formação de artistasdocentes. É claro que não estou pensando que, porque estão produzindo cenicamente, em um momento pedagógico, estão sendo artistasdocentes. O conceito é maior que isso. Mas isso é tema para outra discussão.

Referências

ICLE, Gilberto. O que é pedagogia da Arte? In: ICLE, Gilberto. *Pedagogia da arte: entre-lugares da escola*. Volume 2. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012.

OLIVEIRA, Valeska Fortes. A escrita como dispositivo na formação de professores. In: PERES, Lúcia Maria Vaz; ZANELLA, Andriessa Kemel (org). **Escritas de autobiografias educativas**: o que dizemos e o que elas nos dizem? Curitiba: CRV, 2011.

RIBEIRO, António Pinto. *Dança temporariamente contemporânea*. Lisboa: Veja, 1994.

ROCHA, Thereza. Por uma docência artista com dança contemporânea. In: GONÇALVES, Thaís. BRIONES, Héctor. PARRA, Denise. VIEIRA, Carolina (orgs). *Docência-artista do artista-docente*. Fortaleza: Artistarias, 2012.